

MUCUNGURENHE ENTREGA-SE COM A SUA ARMA

Texto e fotos de Marcelino Alves para a AIM

Nos últimos três meses aumentou significativamente o número de bandidos que se entregam às autoridades militares moçambicanas, com as suas armas. Uma fonte ligada ao Exército Moçambicano disse que isso se deve sobretudo à ofensiva desencadeada pelas Forças Armadas em todas as províncias afectadas pelo banditismo armado. Com efeito, durante o ano de 1983, mas mais intensamente a partir de Setembro, as Forças Armadas de Moçambique (FPLM) ocupam progressivamente a floresta, reduzindo o campo de manobra do inimigo.

Em Chimoio, a nossa Reportagem contactou com alguns dos bandidos que, recentemente, se apresentaram com as suas armas às autoridades militares.

Uma das histórias mais interessantes é, sem dúvida, a de Fernando Mucungurenhe, um professor primário que se tornou secretário de um chefe de um dos acampamentos dos bandidos armados, situado na Província de Manica.

Mucungurenhe, que aparenta ter 23 anos de idade, nasceu na localidade de Dacata, em Mussorize. Fez a



Após um ano com os bandidos armados, Fernando Mucungurenhe, entregou-se às FPLM, juntamente com a arma de que era portador

6.ª classe, em 1978, nas Amatongas e, depois disso, frequentou a Escola de Formação de Professores Primários do Chimoio. Começou a dar aulas em 1980, na localidade de Chidoco, no distrito de Mussorize. Depois foi transferido para Manica, onde ensinou até ao dia 30 de Outubro de 1982.

Nesse dia, um grupo de cerca de 60 bandidos armados entrou à noite, na sua residência, um edifício anexo à Escola Primária de Cacaro, onde ensinava, e raptou-o.

— Eramos dois professores — conta ele — Apontaram-nos as armas e roubaram-nos os sapatos e as camisas. Outros, entraram nas restantes divisões da casa e pilharam tudo. Depois bateram-nos e obrigaram-nos a ir com eles.

Fernando Mucungurenhe disse que os bandidos seguiram depois para a Aldeia Comunal de Cacaro, ali perto, e queimaram uma niveladora que andava a arranjar a estrada para a Penhalonga. Antes de a incendiarem — disse — tiraram-lhe a bateria e obrigaram-me a levá-la. Depois queimaram a aldeia.

Por sorte, a maior parte da população tinha-se apercebido da presença dos bandidos e pusera-se em fuga. Contudo, algumas pessoas caíram-lhes nas mãos e foram também obrigadas a carregar o produto do saque à aldeia.

— Avancámos nessa mesma noite em direcção a Mavonde e atravessámos o rio Revué. Nessa altura, mandaram a população regressar, depois de largar os bens roubados que transportou.

Pernoitaram na margem do rio e, no dia seguinte, avançaram pelo mato em direcção a Mucono, onde os bandidos tinham um dos seus acampamentos. Chegaram lá de noite. Fernando Mucungurenhe afirma que o acampamento deveria ter cerca de 150 cabanas, onde viviam os bandidos, na sua maioria armados.

Mucungurenhe ficou ali detido durante todo o mês de Novembro de 1982, numa cabana onde tinha de

dormir sentado por falta de espaço para se deitar.

Durante esse tempo apenas fazia a limpeza do acampamento. No mês seguinte levaram-no em direcção a Sussundenga. Andávamos sempre de noite e acabámos por chegar a outro acampamento em Mucuti.

Mucungurenhe e outros jovens raptados ficaram ali detidos algumas semanas, vigiados por um grupo de cerca de 50 bandidos armados. Seguiram depois para outro acampamento junto ao rio Revué, onde permaneceram alguns dias.

Continuaram a caminhada, atravessaram o rio Lucite, afluente do rio Búzi — até atingirem Chinhica, o acampamento mais importante dos bandoleiros na Província de Manica, comandado por um tal Francisco, substituído depois por um bandido que dava pelo nome de José Mabaji. Estavam lá muitos outros prisioneiros que os bandidos tencionavam treinar e armar. Eram sobretudo camponeses e a idade deles oscilava entre os 15 e os 45 anos.

— Fiquei ali detido até Maio de 1983 — continuou Mucungurenhe — Nesse mês chamaram-me e treinaram-me durante três semanas.

O treino consistia em marchas, ginástica militar, montar e desmontar armas, e lições rudimentares de tiro. O treino de Mucungurenhe foi mais curto e intensivo que o habitual, pois os bandidos disseram-lhe que tinham pressa em colocá-lo como secretário do chefe de um acampamento próximo que servia de posto avançado, de protecção a Chinhica.

— Em fins de Maio, cerca de 50 elementos armados acompanharam-me até ao posto avançado de Messingazi, situado mais a Norte. Quando lá cheguei, deram-me uma arma e a tarefa de receber mensagens e lê-las ao chefe.

Mucungurenhe disse que tinha também de escrever tudo o que lhe era ditado pelo chefe de Messingazi, conhecido por Binhaquembo, um analfabeto com muita dificuldade em expressar-se em português.

As mensagens via rádio eram recebidas de outros postos mais pequenos e enviadas para o acampamento de Chinhica. Este centro interno de coordenação do banditismo na Província de Manica, foi completamente destruído pelas FPLM em princípios do mês passado.

Segundo Mucungurenhe, este centro era simultaneamente um dos elos mais importantes de ligação directa com a África do Sul, facto que foi confirmado por uma fonte militar moçambicana.

Ele disse ter conhecimento que os sul-africanos tinham lançado ali, de para-quadras, armas, munições, medicamentos e equipamento militar diverso.

No assalto das tropas moçambicanas a Chinhica, um dos mais bem sucedidos, devido à surpresa completa com que apanharam os bandidos, capturou-se mais de cinco toneladas de armamento e outro equipamento militar. Na foto pode ver-se uma pequena parte desse material, que as autoridades militares do Chimoio mostraram a este repórter.

De Chinhica e dos seus postos avançados, todos eles também destruídos, partiam acções dos bandidos sobre a estrada nacional Beira/Maputo, sobre a linha férrea; estrada, e conduta de combustível da Beira para o Zimbabwe, e ainda sobre as linhas de alta tensão Revué/Beira, além dos ataques a aldeias, escolas, lojas, machambas, etc.

Devido à intensa actividade operacional das FPLM, a estrada Beira/Zimbabwe é praticamente inviolada desde há um ano e os bandidos armados estão a reduzir significativamente a sua actividade nas outras vias de comunicação e sobre os pontos de interesse económico ou social, situados naquela zona.

Mucungurenhe, vem também confirmar estes factos: De Junho de 1983 até ao dia 28 de Setembro último fui secretário do chefe do acampamento de Messingazi. Pelo conteúdo das mensagens que recebia e enviava verifiquei que eles (os BA), estavam muito preocupados com a actividade das forças (FAM/FPLM). As acções eram em menor número e a comida era uma preocupação dominante, pois em muitas zonas só havia raízes para comer.

Mucungurenhe afirma que algumas patrulhas das FPLM eram detectadas perto dos acampamentos e que os bandidos tinham que se ocultar, e prosseguiu:

— No dia 20 de Setembro de 1983, cerca das três horas da tarde, como o chefe do acampamento de Messingazi se tivesse ausentado para falar a uma pequena população raptada que guardavam ali perto, eu, como nunca estive satisfeito com a situação, aproveitei aquele momento para tentar a fuga.

Mucungurenhe diz ter-se preparado muito tempo antes, procurando discri-

rio PungoÉ, que subiu até Mavonde.

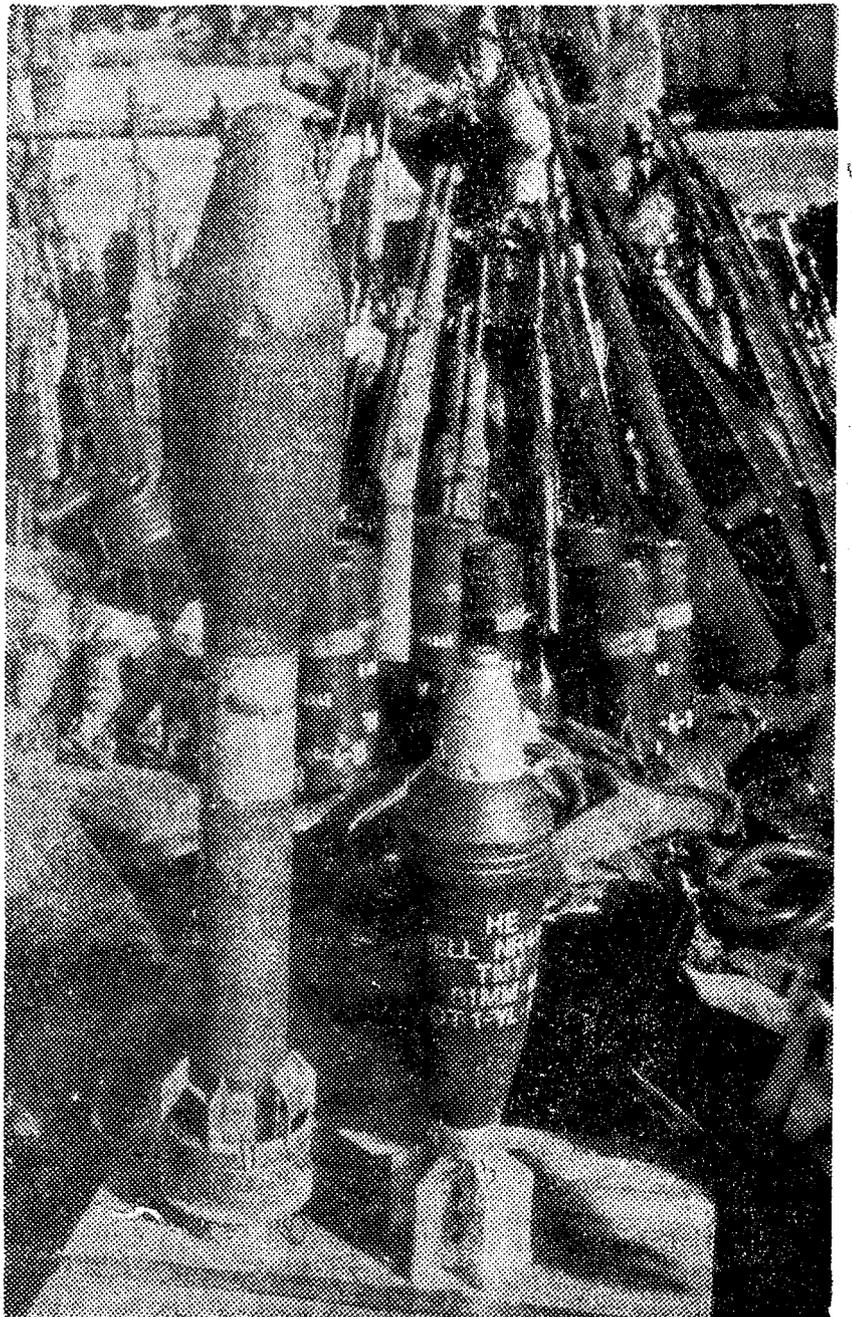
Ali seguiu a fronteira com o Zimbabwe, para sair no distrito de Manica. Entrou na Aldeia Comunal de Forte Macequice no dia 11 de Outubro, uma terça-feira. Tinha caminhado pelo mato durante 13 dias.

Antes de entrar na aldeia escondeu a arma. Falou depois com um camponês, que o conhecia, a quem pediu que o levasse à presença das Forças moçambicanas, para se entregar.

Depois de terem recolhido a arma, as munições e os documentos que ele tinha escondido fora da aldeia, as tropas moçambicanas escoltaram-no até Manica e dali seguiu para Gondola, uma vila situada a cerca de 15 quilómetros da cidade de Chimoio.

Fernando Mucungurenhe diz ter sido tratado correctamente desde o princípio, apesar da natural desconfiança inicial. Já me disseram que vou ser reintegrado novamente como professor, acrescentou ele. Mucungurenhe vai assim beneficiar do perdão anunciado pelo Presidente da República na mensagem do fim-de-ano. Esse perdão abrange todos os bandidos que se entreguem às autoridades moçambicanas com as suas armas.

Falámos ainda com dois camponeses que também se entregaram recentemente às Forças Armadas e contaram-nos a sua história que, no essen-



Parte do material bélico capturado pelas nossas Forças aos bandos armados

tamente informações sobre a zona, enquanto esperava uma oportunidade para fugir. Nesse dia, tomou banho, vestiu-se, pegou na arma e na pasta onde guardava os documentos que redigia para o chefe e declarou aos sentinelas que tinha de ir ter com ele à população. Teve sorte, conseguindo que ninguém o acompanhasse. Tomou então o caminho da população e depois desviou-se em direcção ao

cial, não é muito diferente da de Mucungurenhe.

Um deles, Jossias Chigondo, alegou no entanto, que os maus tratos recebidos, a fome e a dureza de vida imposta aos bandidos armados pela ofensiva das FPLM tinha sido determinante para a sua fuga, apesar de saber que os bandidos o matariam se fosse apanhado a fugir.